

FUNDADO EM 1946
www.diaroinsular.com

diaroinnsular

QUINTA-FEIRA • 25.AGO.11

DIRETOR JOSÉ LOURENÇO | Jornal Diário | Terceira - Açores | Ano LXV | N.º 20216 | PREÇO 0,60 EUROS

PRIMEIRA COLUNA



Equação impossível

O consumo está a ceder a olhos vistos, o que significa que a receita dos impostos vai baixar, a receita pública a mesma coisa (é óbvio) e as contas públicas desorientam.

É o ovo de Colombo, mas os grandes cérebros só se lembram dessas evidências quando a realidade lhes cai em cima da cabeça.

É simples. Com vencimentos baixos e em perigo; com o desemprego a galopar; com os despedimentos facilitados - com tudo isto à perna, o povo reduz o consumo ao mínimo indispensável. Por razões objetivas - pura e simples falta de dinheiro - e por razões subjetivas, que têm a ver com medos resultantes de desgraças ancestrais que se projetam no subconsciente de um povo habituado a pensar.

No meio de tudo isto, aumentar os impostos com incidência no consumo genérico (com bens essenciais à cabeça) cheira a suicídio puro e simples.

Tudo isto resulta da teoria sedimentada em séculos de prática. O que esperamos, como é óbvio, é que a teoria falhe e que sejamos todos muito felizes.

Mas os sinais são preocupantes e parecem dar razão à teoria.

Na ilha Terceira, por exemplo, o consumo retrai-se a olhos vistos. Até no pão o povo corta. E no café. Bebe-se menos café na ilha. Imagine-se o que se seguirá.

Se o modelo de sociedade em que escolhemos viver se baseia no consumo para existir - além de não dispensar o chamado crescimento da economia - , então como diabo se justifica que quando o Estado resolve endireitar as suas contas, só o podendo fazer, em larga medida, nos proveitos que arrecada a partir do consumo, resolva, em paralelo, desarticular todos os mecanismos que podem induzir esse mesmo consumo que é tão essencial à geração de receita fiscal?

Não podemos deixar de confessar perplexidade com o rumo das coisas. Mas aceitamos esperar para ver.

FUNDADO EM 1946
www.diaroinsular.com

diaroinnsular

SEXTA-FEIRA • 26.AGO.11

DIRETOR JOSÉ LOURENÇO | Jornal Diário | Terceira - Açores | Ano LXV | N.º 20217 | PREÇO 0,60 EUROS

PRIMEIRA COLUNA



Sem asfalto

O que será de nós no dia em que os fundos da União Europeia deixarem de jorrar por essas ilhas adentro?

A pergunta assalta-nos frequentemente e nos últimos tempos tomou foros de obsessão, talvez por causa da crise, talvez por outra razão qualquer. Talvez sem razão.

Nos últimos dias temos circulado pela ilha e o que temos visto torna sempre mais pertinente a velha pergunta, que pode ser reformulada nos seguintes termos:

-Para que nos servem obras feitas com dinheiros da União Europeia se nem somos capazes de as manter em níveis aceitáveis de utilização?

É construir e deixar partir logo a seguir. Construiu-se, então, para quê? Havia necessidade de construir? Mas se havia, o que justifica que tais obras sejam deixadas ao abandono até que se imponha a necessidade de serem feitas de novo?

Não acreditamos em bruxas... Mas será que alguma bruxa má abanou com a varinha e decidiu que, por exemplo, as estradas servem para ser construídas e para voltarem a ser construídas e outra vez ainda, só para introduzir dinheiro europeu nos bolsos dos construtores?

É que quanto aos portos, que caem quase todos os invernos, ainda há a desculpa do inverno e do mar e tal e coisa. E a gente vai fingindo que acredita. Mas quanto a estradas, o que impede a sua manutenção? Haverá algum demónio no asfalto que imponha as suas regras diabólicas, proibindo a manutenção da via? Será que o alcatrão que falta nas estradas está a alimentar as formigas de algum inferno?

Enfim, temos que nos limitar a fazer perguntas, porque a situação com que nos deparamos é esotérica, à falta de melhor qualificativo.

É inadmissível que o asfalto esteja revirado ou tenha mesmo desaparecido em vias atrás de vias sem que alguém se preocupe ao menos em colocar lá uns remendos.

No fundo, no fundo, alguém quer mesmo saber disso?